



Director literario:

Arquibaldo
PAPUSSE

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Diario
PAPUSSE



A S R O S A S D E S A N T O A N T Ó N I O

POR MIMI KARR

Desenhos de TIOTÓNIO

A' Maria Clarisse que é muito amiga de contos

ERA uma vez um Rei que vivia muito desgostoso porque sua filha, a princezinha Zália, que era o seu ídolo, se enamorara de Élio, príncipe herdeiro do reino da Quimera Azul.

Porque era que o Rei que todas as vontades satisfazia à princesa, somente esta lhe recusava: a de consentir que ela casasse com o eleito do seu coração, príncipe gentil, valente, senhor de vastos domínios e futuro rei de tão poderoso reino?

Se alguém formulava esta pergunta, prontamente era informado de que um grande mistério rodeava este príncipe, tão belo que dir-se-ia reunir em si todas as perfeições sonhadas: já havia casado seis vezes e dias depois do noivado, as princesas desapareciam para não mais serem vistas.

Porém a princezinha Zálinda como de todos era conhecida, pela sua grande beleza, tão forte sentia em si o seu amor pelo príncipe que nada temia e revoltava-se contra todos que tentassem dissuadi-la do intento de ser sua esposa.

Um dia o Rei chamou-a e mais uma vez lhe fez ver que nunca consentiria nessa ligação com o que ele dizia ser um assassino de princesas. Zálinda, indignada, repeliu o nome

afrontoso de assassino que seu pai dava a Élio e, esquecendo que era a um rei que falava, afirmou que, custasse o que custasse, seria sua esposa e desvendaria o mistério que o envolvia. Sabia bem que nada de mau lhe aconteceria porque



Élio, que tão bom era para todos, não podia ter morto as princesas que com ele haviam casado, nem consentido que tal se fizesse. O Rei, vendo que nada conseguiria demover a

(Continúa na página 2)



Continuação do Conto: AS ROSAS DE SANTO ANTONIO

princesa, calcando aos pés o seu amor de pai, disse-lhe: Princesa Zália, fostes vós a única pessoa que até hoje me desobedeceu. Não o tornarás a fazer porque daqui a algumas horas darás entrada na Torre da Má-Vontade, a mais alta que existe nos meus domínios. Uma vez lá não terás ninguém a acompanhar-te, ficarás só com os teus pensamentos e com o remorso de haver desobedecido a teu pai. E agora retire-se não quero vê-la mais. Zália tinha uma vaga esperança de que esta ameaça não se cumpriria, mas como se enganava a mimada princezinha! Ao anoitecer, Nena, a sua velha aia, debulhada em lágrimas veio buscá-la para a acompanhar à Torre. Logo que lá chegaram, Nena despediu-se recomendando-lhe, por entre soluços que rezasse muito a Santo António para que Ele a não desemparrasse. Zália entrou, a pesada porta fechou-se atrás dela e para chegar ao aposento que lhe estava reservado teve que subir tantos degraus, que as chinelinhas de setim se lhe romperam. Fatigadíssima ia para deitar-se no modesto leito que a esperava, porém, recordando-se da recomendação de Nena, juntou as mãos e numa prece fervorosa invocou Santo António, pedindo-lhe fizesse o milagre de a salvar daquela prisão onde se ia encerrar para sempre, a sua mocidade. Dias se passaram e agora a única distração de Zália era ver da janela do seu quarto o trabalho dum velho jardineiro que com um carinho inaudito cuidava dum jardimzinho anexo à Torre. Havia uma roseira que ia trepando pela parede da Torre para onde abria a janela do quarto da princesa, que ao velhote merecia particular atenção. A roseira crescia a olhos vistos e nas noites em que o luar era mais lindo Zália via-o ir regá-la com um regador de prata que ele enchia de água de uma fontesinha que havia perto. E de dia para dia as rosas eram mais lindas e cada vez mais perto da janela da princezinha. Uma noite Zália cheia de saudades de tudo o que perdera, não podia conciliar o sono. Levantou-se e aproximou-se da janela; o luar era puríssimo. Qual não foi portanto a sua admiração ao ver que, enquanto tentara repousar, a roseira crescera tanto que bastava estender as mãos, para colher as mais belas flores que os seus olhos tinham visto. Encantada quedou-se a contemplá-las. De súbito as pétalas das rosas abriram-se para dar passagem a graciosíssimas figurinhas de mulher que saltando da dentro do quarto da princezinha, em honra dela executaram lindos bailados envolvendo-a em ondas de suavíssimo perfume.

Terminada que foi a dança, a mais bela de todas disse: — Princeza! Eis-nos aqui para salvar-te; as tuas lágrimas comoveram-nos e resolvemos todas vir em teu auxílio.

Não há um momento a perder! Vem; antes que amanheça. A roseira nossa mãe te servirá para fugires desta horrível prisão, os seus braços fortes serão os degraus por onde descerás. Minhas irmãs te acompanharão na viagem que vais emprender e te servirão de guia. O seu auxílio ser-te-há precioso. Vai e sê feliz! Uma chuva de pétalas caiu sobre a princesa que viu afastarem-se rapidamente as lindas figurinhas e retomarem as suas primitivas formas.

Zália não esperou mais nada. Desceu pela roseira, colheu um formosíssimo ramo e pôs-se a caminho do reino da Quimera Azul, onde iria encontrar o seu bem amado. Andou bastante tempo até que fatigada sentou-se à beira do caminho a descansar. De repente viu que um grupo de cavaleiros corria à desfilada na direcção em que ela estava. Reconhecendo-os, logo suspeitou de que era perseguida e aflita levantou-se para fugir, porém, com a precipitação caíram-lhe no chão as rosas.

Imediatamente se formou uma roseira que a envolveu e que por completo a encobriu aos olhos dos seus perseguidores que, desanimados, voltaram para traz a informar o Rei de que tinham sido infrutíferas as pesquisas para encontrar a fugitiva.

E assim Zália pôde continuar a jornada até chegar ao reino da Quimera Azul, onde Elio cheio de alegria a recebeu celebrando-se dias depois as grandiosas festas do noivado. Quando os noivos recolheram aos seus aposentos Elio parou defronte duma porta dourada e disse a sua esposa: — «A chave de ouro que abre esta porta vou confiar-te, Zália, porque em ti tenho tanta confiança como em mim próprio. Sei que a não perderás. Mas deixa-me dizer-te: só eu posso servir-me dela. Não tentes nunca fazê-lo. Que a curiosidade te não leve além da porta dourada, de contrário terás o castigo de me haveres desobedecido».

Zália durante muitos dias lutou, tentando esquecer a chavinha dourada que seu esposo lhe confiara, mas um dia, a curiosidade e o desejo de desvendar o mistério que ela bem via existir por detrás da dourada porta, levaram-na junto dela. Quando ia a meter a chave na fechadura, porém, revoltou-se contra si própria por não ser capaz de dominar-se e voltando-se atirou com a preciosa chavinha pela janela fora indo cair dentro das tranquilas águas dum lago, onde a a princesa a viu desaparecer para sempre.

Com grande espanto seu ao voltar-se viu a porta misteriosa aberta de par em par, deixando ver um jardim onde se ostentavam as mais lindas flores.

Zália nem mesmo assim se atreveu a entrar; mas tendo o olhar para uma rosa de pétalas aveludadas que soberba se elevava na haste, recordou que toda a sua ventura ao milagre das rosas a devia. Então sem se deter correu, tomou nas suas delicadas mãos a flôr, inclinou-se e os seus lábios deposeram nas mimosas pétalas um beijo cheio de reconhecimento. Imediatamente o jardim se transformou num salão e as flôres em princesas que haviam casado com o príncipe Elio, e que este assim encantara para castigo da sua curiosidade. Zália levou-as junto de seu esposo pedindo lhes perdoasse e as deixasse ir em paz para os seus palácios, o que este do bom grado fez, comovido com a atitude da princesa.

Quando de novo voltaram aos seus aposentos a porta dourada há muito havia desaparecido; em seu lugar via-se uma imagem de St.º António a quem Zália recorrera num momento de aflicção e que a não abandonara tornando-a e a Elio, nas duas almas mais felizes do Reino da Quimera Azul.



Concursos do PIM-PAM-PUM!

Após nova reunião do júri para apreciação das provas relativas ao concurso dos contos, publicamos hoje o restante apuramento obtido;

CONTO INFANTIL

SERIE A (até 14 anos)

Primeiro premio.....	«O cão do moleiro» de Maria Leonor Lima Brandes, 11 anos.
Menções honrosas numeradas—1. ^a , 2. ^a , 3. ^a , 4. ^a , 5. ^a e 6. ^a respectivamente.....	Bébé Cyrne, 12 anos; Antonio Fernandes da Fonseca, 11 anos; José Miguel Filipe de Mira; Guilherme Pereira da Rosa, 10 anos; Augusto Simões Lopes, 13 anos; Rogerio Soares, 10 anos.
Menções honrosas sem numeração.....	Maria da Conceição Machado, Carlos Ayalla Vieira da Rocha, Maria Manuela Taborda Rangel Tristão, Joaquim Ramos de Sousa Ribeiro, Maria Elsa Anjo de Deus, Alexandre Anaquim e Cruz, Augusta Pinto Anjo, Maria José Pereira Marques Fogaça, Manuel Matos Ferreira, Antonio L. F. Costa, Manuel Pombal, Lucia Gamilho, Regina Martyr Estens de Alcoforado Pinto Calhau, Gastão Furtado Pereira dos Reis, Maria Ferreira da Silva, Guilherme Ramos de Sousa Ribeiro, Felisbela Julia Cruz da Silva Ferreira, José Lourenço de Almeida Castelo Branco.

SERIE B (dos 14 aos 18)

1. ^o Premio.....	«No tempo em que Jesus andava pelo mundo», Antonio F. Cóhen Sarmento, 15 anos.
Menções honrosas numeradas—1. ^a , 2. ^a e 3. ^a respectivamente.....	Francisco Farinha Nobre, 15 anos; Manuel Rodrigues Matos, 15 anos; Antonio de Lacerda Nobre, 16 anos.
Menções honrosas sem numeração.....	Maria Julia Dias Ferrão, Beatriz Ester Raposo Silva, Maria Gabriela, Cecilia Ivone Veloso de Araujo, Maria José R. Malta, Antonio de Assunção Gomes, Carlos Pedro da Silva, José Augusto Ferreira de Sousa.

SERIE C (dos 18 anos em diante)

1. ^o Premio.....	«Zé Trapo», por Lagartixa.
Menções honrosas numeradas—1. ^a , 2. ^a , 3. ^a e 4. ^a respectivamente.....	Durval Peres de Lima, 20 anos; Maria Julia Marigné Vaz, 18 anos; Maria Branco Ferreira; Maria José da Silva Nunes.
Menções honrosas sem numeração.....	Luisa Salomé, Albano Dessa, Maria Rosa Réséda, Maria do Carmo Monteiro de Barros, Hugo Lopes de Andrade Anadio.

Os respectivos prémios encontram-se à disposição dos contemplados na administração do «Século» onde podem ser requisitados.

O «Pim Pam Pum» roga a todos os premiados e classificados com menções honrosas numeradas o favor de enviarem ao director literário do «Pim Pam Pum» os respectivos retratos a fim de serem publicados, tendo, porém, apenas direito à publicação dos respectivos originais os autores que obtiverem os primeiros prémios e excepcionalmente aquêles classificados com menções honrosas numeradas que forem convidados para tal pelos directores do nosso semanário.

No próximo número começaremos a publicar os originais premiados,

Os membros do júri fazem publicamente as seguintes declarações, como uma satisfação devida à solicitude com que os concorrentes acorrerem à nossa iniciativa coroada de tanto êxito:

1.^o — Que na apreciação de todas as provas tiveram em vista

— a idade dos concorrentes; premiando ou classificando segundo os recursos naturais próprios a essas idades;

— premiar e classificar as melhores produções em que a autoria ou interferência familiar se não manifestasse como, evidentemente, em muitas delas que, quer pela exuberância de vocabulário quer pela unidade estrutural e técnica reconhecida, claramente patenteavam a intervenção alheia.

2.^o — Que todos os concorrentes — (excepto aquêles cujos trabalhos foram de autoria estranha) — revelaram qualidades apreciáveis que bem merecem estímulo, embora não houvessem merecido a distinção de uma menção honrosa que poderão vir a obter de futuro em novos concursos e em momento de mais feliz inspiração.

O JURI: Trindade Coelho, Carlos Selvagem, José Pacheco, Augusto de Santa-Rita e Eduardo Malta.



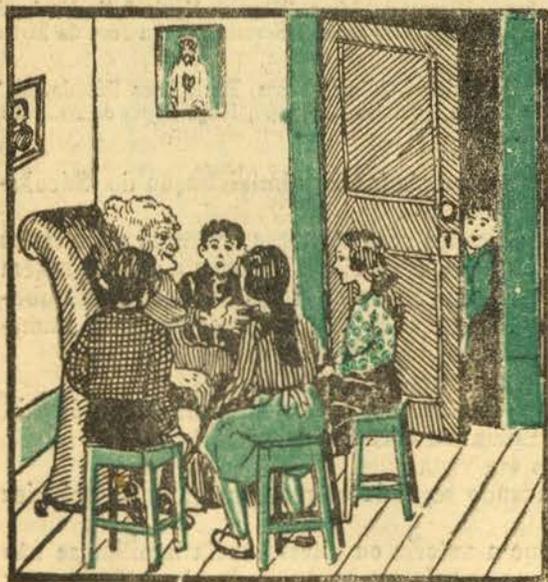
O CONTO DA AVÓ

Por MARIA ROSA RÉSÉDA
Desenhos de EDUARDO MALTA

SENTADA numa ampla poltrona estava a avó. Os cabelos côm das estrigas do linho aureolavam-lhe a fronte alta, que denotava inteligência. O rosto, onde as rugas eram tantas, que seria difícil contá-las, revelava a paz que lhe ia na alma e a bondade do coração. O caminho, pela estrada da vida, nem sempre fôra trilhado com facilidade. Os escolhos, os precipícios, tinham sido muitos; mas triunfara com a ajuda de Deus. Apesar dos seus 70 anos bem contados, em que os desgostos tinham sido mais numerosos que as alegrias, não achava ainda tempo de repousar.

As suas mãos, que tantas esmolas distribuíram, não estavam paradas. Com grandes agulhas de «tricot» faziam uma camisola, destinada a ir aquecer um corpinho regelado. A avó, duas vezes mãe, sorria ao lembrar-se dos netos. Não tardaria muito que eles aparecessem, vindos da catequese, a reclamar o conto que ela lhes tinha prometido. Na sua frente estavam os quatro banquinhos esperando pelos seus donos. Nisto, sente-se um tropel na escada; ei-los que chegam. A porta abriu-se com estrondo. Tereza, Leonor, João e Domingos entraram correndo e quasi que atabafaram a avó com beijos.

— Avózinha! avózinha! exclamaram todos ao mesmo



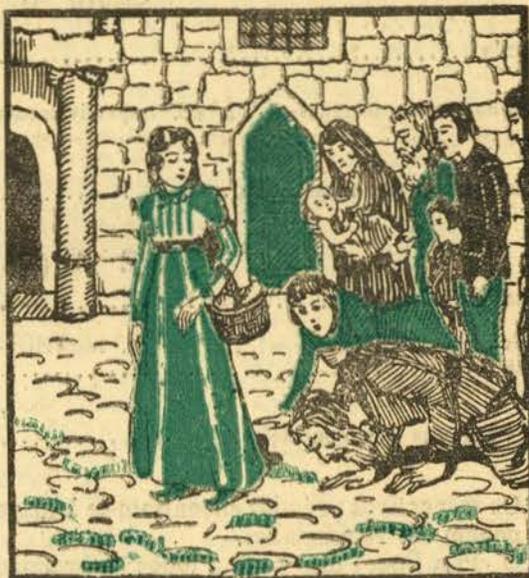
tempo, sentando-se nos bancos; «Soubemos muito bem as lições de catecismo e, agora, esperamos o conto como recompensa».

A porta tinha ficado entreaberta e uma cabecita espreitava a medo.

— E' verdade, disse Tereza — a avózinha dá licença que o Chico também ouça a história?

E, a um sinal desta, correu para a porta, trazendo o rapazinho muito envergonhado. Chico era filho de gente humilde. O seu fató, remendado mas limpinho, atestava que a mãe o trazia sempre cuidado. Veiu mais um banco e depois de estar tudo socegado a avó começou:

Em tempos que já lá vão, havia um rei muito rico e poderoso. O seu palácio, todo em madrepeírola, era deslum-



brante de riquezas; continha maravilhas. Os seus domínios eram de léguas e léguas de extensão. Mas o povo murmurava, andava descontente, porque o monarca só pensava em festas e caçadas e não atendia as suas justas reclamações. O rei tinha três filhas duma incomparável beleza.

Mas quem visse a mais nova, a princesa Cristalina, ficava maravilhado! E' que a princezinha tinha uns olhos límpidos como o cristal, luminosos como as estrelas. A' sua formosura juntava-se outra de maior valor: a bondade; que faltava às duas princesas.

Enquanto as irmãs andavam em bailes e festas, ela visitava os doentes cuidando em que nada lhes faltasse. Quando saía das suas humildes choupanas onde tinha levado o conforto e a alegria, era acompanhada por um rosário de bençãos. Os pobres beijavam o chão por onde ela passava. Ora as princesas, suas irmãs, tinham-lhe muita inveja, não só por ela ser mais bonita, como também por ser amada pelo povo. E, por isso, tratavam-na muito mal. Convenceram o rei que o descontentamento do povo era causado pelas intrigas da princesa Cristalina. O monarca, querendo certificar-se da verdade, foi consultar o adivinho da Côte.

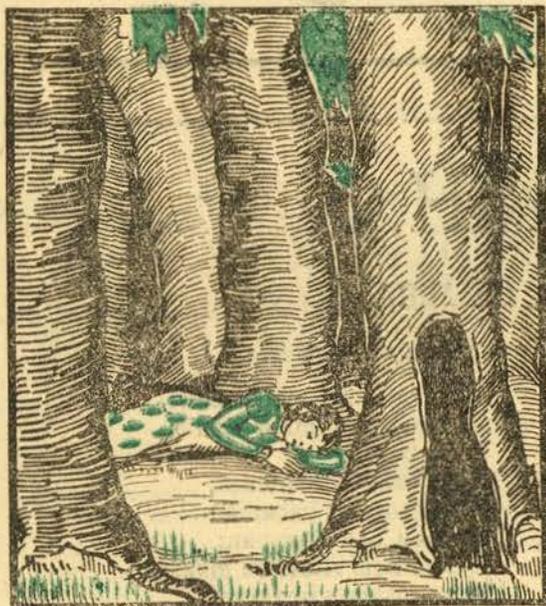
O feiticeiro, influido pelas princesas, disse-lhe então que se quizesse salvar a corôa a princesa Cristalina tinha que desaparecer.

Enquanto ela vivesse, grandes calamidades cairiam sobre o reino. Reünidos, em conselho, o rei e as princesas decidiram que Cristalina fosse condenada à morte.

Mas, alguém prevenia a princezinha do que se passava, e, nessa mesma noite, ela fugia do palácio. Correu durante muito tempo sem descansar, com medo que a perseguissem.

Quando calculou já estar longe do palácio, afrouxou o passo. Tinha os pés inchados de tanto andar, sentia uma grande fadiga. Quasi arrastando-se chegou a uma floresta e, ali, descansou até de manhã. Dois dias e duas noites, por ela vagueou sem conseguir encontrar a saída. Cheia de fome e de sede, estando no perigo de, a cada instante, ser devorada pelos lobos cujos uivos a enchiam de pavor, Cristalina resolveu deixar-se morrer. Mas, de repente, avistou ao longe uma luzinha. Reünindo as poucas forças que lhe restavam dirigiu-se para lá. À medida que caminhava a luz ia aumentando. A distância não era longa e em breve apareceu uma casa tôda verde, de modesta aparência. No alto duma pequena torre estava um farol. Era essa luz que salvara a princesa da morte. Cristalina bateu à porta e, perdendo por completo as forças, caiu desmaiada.

Quando recuperou os sentidos encontrou-se deitada num fôfo leito. Junto de si estava uma velhinha muito simpática,



que a olhava com compaixão. Depois duma refeição que a reconfortou, a princesa contou à velha tudo o que lhe acontecera e aceitou o oferecimento para ali ficar. A boa velhinha vivia só naquele isolamento e ficou muito satisfeita de ter, como companheira, uma princesa tão bonita como boa. Tinha tido a lembrança de arránjar um farol e assim salvara da morte muitos viajantes que andavam perdidos. Um dia, o socêgo da floresta foi perturbado por uma grande cavalgada. Era o príncipe Gentil com os seus convidados que iam à caça do javali.

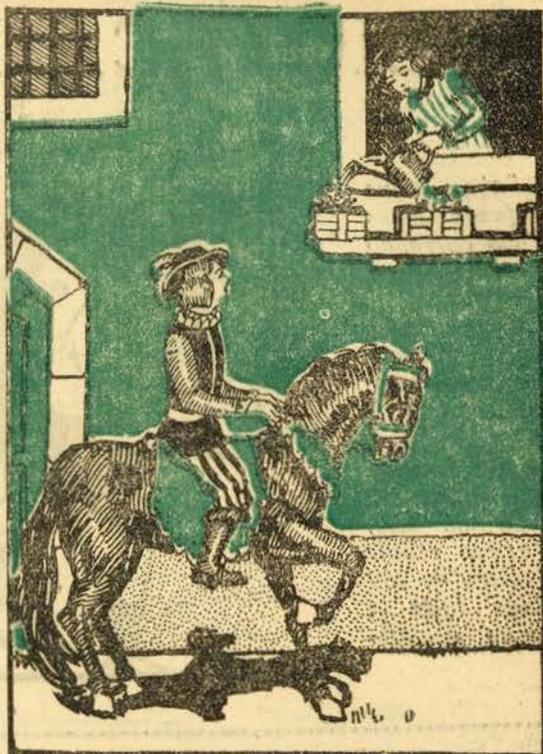
Mas o príncipe perdera-se dos seus companheiros e, depois de os procurar em vão, foi ter à Casa Verde.

Cristalina estava à janela regando um craveiro. O príncipe, ao vê-la, ficou extasiado perante a sua formosura. Entrou para descansar. A velhinha aproveitou um momento em que Cristalina ali não estava para lhe contar a vida toda da princesa.

No dia em que foi coroado rei o príncipe Gentil casava com a princesa Cristalina. E um ano depois, para completar a sua felicidade, vinha ao mundo uma linda princezinha.

Tinha a pele tão branca que Branca ficou sendo o seu nome.

Apesar das instâncias de Cristalina para ir viver com eles, a boa velhinha não aceitou. Tinha saudades da sua querida floresta; e, depois, quem acudiria aos viajantes que se perdessem? Mas ia bastantes vezes visitá-los porque



não podia estar muito tempo sem ver a princesa branquinha sua predilecta. Entretanto tinham-se passado grandes acontecimentos no reino do pai de Cristalina. Depois de procurarem a princesa por toda a parte, deram por certo que ela tinha sido devorada pelos lobos e não se preocuparam mais com isso. Mas a profecia do feiticeiro não se realizou. Desde o desaparecimento de Cristalina, começou a andar tudo de mal a pior. Uma parte do palácio ardeu, e as princesas morreram queimadas. O rei, não se contentando com o que tinha e como era muito ambicioso, declarou a guerra a outro monarca mais poderoso do que ele. Mas, como diz o ditado: «Quem tudo quer, tudo perde», foi derrotado e obrigado a fugir para salvar a cabeça. Todo esfarrapado, coberto de pó e com as faces encovadas pela fome parecia um mendigo. Morto de cansaço foi pedir pousada ao palácio do rei Gentil.



Mal pensava ele que a rainha de quem o povo dizia tanto bem, era a sua própria filha.

Entrou para a cozinha onde lhe deram uma malga de caldo e um pedaço de pão. De repente, viu diante de si uma figurinha cujos admiráveis olhos o fi-tavam com curiosidade. Era a princesa Branquiaba, verdadeiro retrato de Cristalina. O velho rei ao contemplar aquela criança recordou-se da filha que mandara matar. Ah! como os remorsos o apoquentavam! Lágrimas ardentes rolaram-lhe pelas faces rugosas indo esconder-se na barba branca de neve. A princezinha, comovida, foi chamar a rainha sua mãe.

Cristalina ao ver o pai naquêlo estado, abriu-lhe os braços e, de bom grado, lhe perdoou. O rei ficou no palácio. Nunca mais quiz saber de riquezas, que, por sua culpa, tinha perdido. O seu maior tesouro era a neta que idolatrava.

E assim acabou o conto. Os pequenos foram para casa muito gratos à avó pela agradável tarde que lhes tinha proporcionado.

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM!

— Sabem o que vão fazer estes meninos correndo apressadamente?...

Vão comprar, antes que se esgote, o 1.º volume da Biblioteca Pim Pam-Pum — **Barraca de Fantoches** — para, ao fim de um ano, poderem reunir num livro de 432 paginas toda a colecção completa.



CONTINHO

Por JOSÉ MIGUEL F. DE MIRA

Menção honrosa n.º 3 do Concurso de Poesia infantil — (Série A)

Era a menina Lampreia
Uma môça de mão cheia;
Amava o carapausinho,
Menino bem bonitinho,
Com quem estava p'ra casar
Na igreja à beira-mar.
A Lampreia, coitadinha,
Outros pretendentes tinha,
Era um deles D. Bacalhau,
Homem mui feio e mau,
Matara já dez sardinhas
E trinta e quatro tainhas.
No dia do casamento,
D. Bacalhau, ciumento,
Resolveu tirar vingança
E logo ali sem tardança
Pôs-se à porta da igreja
Com a alma cheia de inveja,
Chegam, num momento,
Com grande acompanhamento,

A noiva vinha um encanto
Com um lindíssimo manto
Todo bordado de escamas
E de belas barbatanas;
Entretanto, o bacalhau
Chamou pelo carapau;
Mal os dois rivais se olharam;
Pelas pistolas puxaram
E uma grande confusão
Dispersou a multidão.
A Lampreia desmaiou
E um safio a amparou
E uma alforreca a gritar
Caiu de pernas p'ró ar;
Quatro enguias esticaram
Com o susto que apanharam;
Fero duelo sangrento
Se travou neste momento
E o bacalhau cai furado
Pela espada lado a lado,

LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenhavam as avesinas

HORA DO RECREIO

UM BARCO A "GASOLINA"

A pedido do "sobrinho" José Sebastião Sotto-Maior



Meus amiguinhos:
Querem um barco a gasolina... elástica, para uma corrida?

Querem?
Então vamos fazê-lo.

MATERIAIS

Primeiro que tudo vejam a fig. 1 com atenção.

— O corpo do barco propriamente dito, de madeira ou cortiça, nas dimensões indicadas. (letra A).

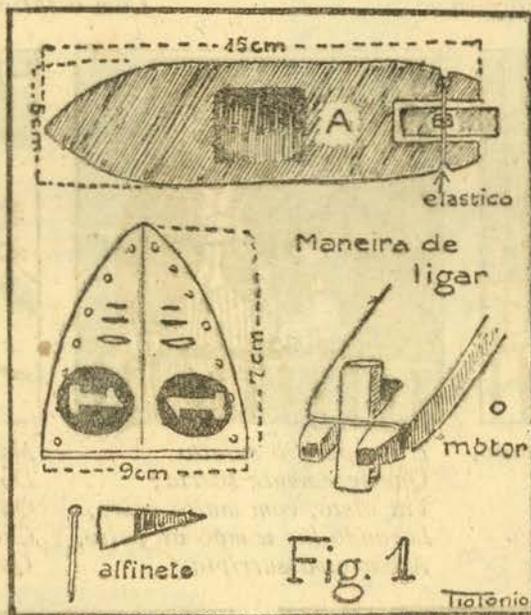
— Uma taboinha que faz de hélice. (letra B).

— Cartolina ou folha de ferro, também nas dimensões indicadas.

— Um elástico em arco, um alfinete, tintas, boneco, etc.

MANEIRA DE CONSTRUIR

Também na fig. 1 encontra-se a indicação da maneira como é feito o motor.



Pintem os barcos de várias cores, aplicando na parte da frente a peça de cartolina de que acima falo, que faz de proa, ponham os barcos em linha, depois de terem dado volta à hélice, e... pum!! dá o sinal de partida e quem chegar primeiro ganha.

Se algum dos meus «sobrinhos» engenhosos, se achar habilitado a fazer um travão para este barco a gazolina, que escreva num simples postal, mandando desenhada e explicada a sua idéa.

O mais simples e de maior efeito, será publicado com o nome do «engenheiro».

Não se esqueçam da idade...

TIOTONIO

Rua do Seculo, 43 — Lisboa.

Adivinhas

Qual a coisa... pensa, pensa,
Pensa... diz... depressa, já!
Aquilo que é me dispensa
De o dizer pois dito está.

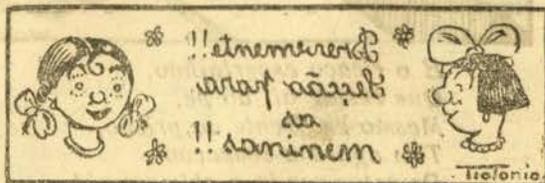
Não é pescada, porém
— (Meninos, quem tal dissera!) —
Como a pescada é também
Que antes de o ser já o era.

Decifração das anteriores:

1 — Terra. 2 — Automovel.

AVISO

Só para o próximo número publicaremos a lista completa das menções honrosas do Concurso de desenho.



Para as meninas lêrem ao espelho.

COMENTÁRIOS



*Certo dia, um carteirista,
Presunçoso de ser lógico,
Resolveu seguir na pista
De um certo capitalista
Até ao Jardim Zoológico.*



*Então, ao pé de uma jaula,
Onde um chimpanzé se avista,
Como quem está numa sala,
Procura chegar à fala
Com o tal capitalista.*



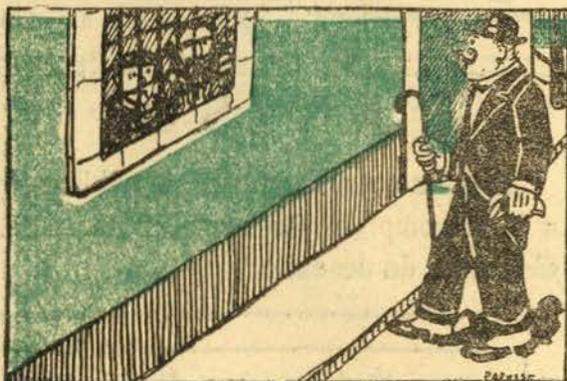
*E ao macacão diz:—«Amigo,
Por teres a pretensão
De te par'ceres comigo,
Mereces bem o castigo
De viver numa prisão».*



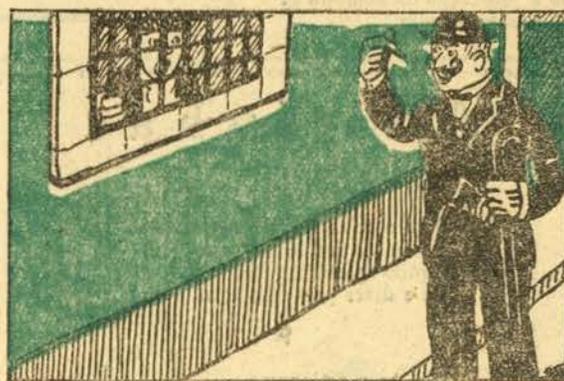
*E ria para o sujeito
Que levemente sorria;
Vai nisto, com muito geito,
Levando-lhe a mão ao peito,
A carteira surripia.*



*Mas apesar da perícia
Do seu gesto traiçoeiro,
Que dir-se-ia uma carícia,
Chama o sujeito um pollicia
Que o mete no Limoeiro.*



*E o ricoço espertalhão,
Que reside ali ao pé,
Mesmo em frente da prisão,
Tem agora a sensação
De estar vendo o chimpanzé!*



*E, ao passar, brada-lhe:—«Amigo,
Por teres a pretensão
De te par'ceres comigo,
Mereces bem o castigo
De viver numa prisão!»*